

COADJUVANTES





















Textos sobre futebol narram grandes épicos e seus heróis. Livros ricamente ilustrados contam histórias de glória. Manchetes estampam o vencedor da rodada. Times campeões ganham pôsteres gigantes. Grandes craques têm status de rockstar.

13

Nada mais natural. Ninguém é louco de publicar a edição comemorativa “Brasil Vice-Campeão do Mundo de 1998”, uma reportagem especial com o perfil de Ditinho Souza ou um livro sobre o Estrela do Embu. Quem vai querer ler? Eu não. Sou um torcedor comum e ajo como tal. Quando o Palmeiras ganha, assisto a todas as mesas-redondas. Quando perde, minhas noites dominicais são dedicadas à leitura. Se por acaso cruzar algum dia com o Magrão na rua, vou sorrir

e dar tchauzinho. Se for com o Adriano Chuva, vou atravessar rapidinho para o outro lado e fingir que não vi. O Verdão ganhou o campeonato? Vou todo pimpão até a banca de jornais comprar a revista-pôster. Não ganhou? Dois meses evitando prestar muita atenção na seção de futebol. Foco total nas revistas de sacanagem.

Acredito ter comprado — e lido — a maioria dos livros já editados sobre o Palmeiras. Alguns são ótimos. Outros nem tanto. Neles, relembro em textos e fotos os títulos e craques que marcaram a minha vida. E descubro com orgulho o passado glorioso do meu time. Perfeito.

14

Perfeito? Quase perfeito. Um dos grandes baratos de ler um livro sobre o seu time é o de, ao rever algum jogo ou jogador específico, reviver momentos da sua própria história. Mas não consigo reviver boa parte da minha vida em nenhum livro sobre o Palmeiras. Eu nasci em 1972. Em 1976, tinha quatro anos e não me lembro de nada, só da escolinha em que estudava, de meu pai, de minha mãe e de meu canário Onofre. Em 1993, já com vinte e um, estava quase formado na faculdade. Um intervalo de dezesseis anos. Dezesseis anos que não estão nos livros sobre o Palmeiras. No máximo, aparecem envergonhados em uma ou duas páginas. Porque de 1976 a 1993 o Palmeiras não ganhou nenhum título. Nada. Muito pelo contrário. De 1976 a 1993

o Palmeiras ficou, em futebolês claro, na fila.

Só times grandes esperam na fila. Nunca ouvi dizer que o Guarani de Campinas está há vinte e sete anos na fila. Ou o Bragantino há quinze. Nem mesmo a Portuguesa está na fila. Só entram na fila times que estão acostumados a ganhar títulos. Times que mesmo em décadas pouco inspiradas beliscam pelo menos um ou dois campeonatos estaduais. Para o torcedor, nada pode ser mais doloroso. Lembro de João Saldanha gritando enlouquecido “Campeão! Campeão!” quando o Botafogo do Rio quebrou o jejum de vinte e um anos, em 1989, e ele comentava o jogo pela tevê Manchete. Não se importou com o microfone aberto. Não se importou que tecnicamente o que se espera de um comentarista são análises táticas e não gritos descontrolados. Saldanha só se importou com o fim da fila. “Campeão! Campeão!” Meu professor de matemática da sétima série era corintiano fanático. Reza a lenda que no dia seguinte à final do Campeonato Paulista de 1977 — jogo que pôs fim a vinte e três anos sem títulos do Corinthians — o professor Belézia deu suas aulas vestindo a camisa de seu time. Em cima da mesa, um radinho ininterruptamente sintonizado nos programas esportivos. (Não duvido. Nada é impossível em se tratando de alguém que cultivava o folclórico hábito de ler um jornal com furos nos

olhos em dias de prova a fim de pegar algum desprevenido colando. Parecia não se importar que os furos fossem grandes o suficiente para alertar até o aluno mais retardado da classe.) Basílio, o autor do gol da vitória corintiana, é até hoje um dos grandes heróis do clube. Mesmo tendo sido um jogador bastante limitado. Saldanha e o professor Belézia não eram apenas torcedores extravagantes comemorando a conquista de um título. O que comemoravam era o fim das derrotas consecutivas, acumuladas ano após ano. O fim da humilhação.

16

Eu disse que nada pode ser mais doloroso para um torcedor do que acompanhar seu time na fila, mas me enganei. Nascer com seu time na fila é pior ainda. No começo da fila. É triste constatar que as glórias foram todas vividas num passado longínquo. Glórias passadas só servem para nos encher de nostalgia. Não consolam nem aliviam. Mas ainda assim são infinitamente preferíveis a crescer só sabendo o que é uma glória por inter-médio dos outros.

Textos sobre futebol narram grandes épicos e seus heróis. Menos este. Nada de grandes batalhas. Nada de protagonistas. Esqueça esse papo de grandes épicos e seus heróis. Aqui você só vai encontrar coadjuvantes. Um dos times que mais ganharam títulos no Brasil disputando campeonatos como coadjuvante por dezesseis

anos. Jogadores de talento — não muitos, é verdade — coadjuvantes da história do clube por não terem levantado uma única taça. Os sem-talento — estes sim, em grande número — coadjuvantes do futebol, cuja única notoriedade se deveu às piadas que inspiraram. E, fechando o elenco, eu próprio. Coadjuvante involuntário do mundo que se formava ao meu redor.

SÓ A PERCEÇÃO GROSSEIRA E ERRÔNEA PÕE

TUDO NO OBJETO, QUANDO TUDO ESTÁ NO ESPÍRITO.

– Marcel Proust

I.

Forças do destino. Uma expressão pomposa que vez ou outra utilizamos para explicar a série de condutas que adotamos sem saber muito bem por que o fazemos. Cai como uma luva. Afinal, já que é impossível ser aquilo que gostaríamos, é necessário que alguém leve a culpa. Se o termo genérico nos alivia de tempos em tempos, é muito mais útil para os verdadeiros agentes invisíveis que constituem as tais “forças do destino”. Confortavelmente instalados sob tão apocalíptico disfarce, divertem-se observando nossa perplexidade ante a aparente irracionalidade da vida enquanto agem imperceptíveis, definindo todo o caminho a ser percorrido.

Eu sei, eu sei, você quer ler um livro sobre futebol. Marcel Proust e esse blabláblá são completamente desnecessários. Vamos logo ao que interessa.

Peço que me dê um desconto. Afinal, tudo o que vem a seguir é apenas uma consequência do fato de eu ter sido, quando criança, vítima de um desses agentes invisíveis. Nada de forças do destino. A culpa é toda do São Bento. Não, nem o santo nem o papa. O time. O time do meu pai.

O São Bento foi, por muitos anos, a única equipe de futebol da cidade de Sorocaba. (Nos anos 90, sob o patrocínio do Reverendo Moon, surgiu o Atlético Sorocaba. Apesar de ter alcançado a Primeira Divisão do Campeonato Paulista em 2004, o time nunca contou com a simpatia da velha-guarda soroca-bana.) Subiu à divisão de elite do futebol paulista no começo da década de 60 e lá atravessou as décadas de 70 e 80. Rebaixado em 1991, nunca mais conseguiu voltar à Primeira Divisão – pelo menos até o momento em que escrevo este livro. Meu pai nasceu e cresceu em Sorocaba, no bairro do Além Ponte. Era apaixonado por futebol. O estádio do São Bento ficava a três quarteirões de sua casa. Até hoje tenho os livros com recortes de revistas que ele fazia quando moleque e me impressiono quando o ouço narrar os 2 x 0 do Brasil em cima da União Soviética na Copa de 58 (o jogo no qual Garrincha, Pelé e Vavá se tornaram titulares da seleção que viria a ser campeã) que acom-panhou pelo rádio. Tem uma considerável coleção de fotos e troféus que comprovam que foi um bom goleiro de salão. Nesse item específico tenho cá mi-nhas dúvidas, já

que na única vez em que o vi em campo, em 88 durante um churrasco “da firma”, seu desempenho sob as traves deixou bastante a desejar (“Falta de ritmo de jogo” foi a justificativa à época).

Mas enfim, se nasceu e cresceu em Sorocaba, nada mais natural do que torcer pelo São Bento. Qual o motivo para tanto drama? Chego lá. Sem entrar em detalhes, meu pai cresceu, formou-se engenheiro, casou com a minha mãe e vieram os dois, ainda sem filhos, morar em São Paulo. Ao contrário do que manda a etiqueta da metrópole, nada de escolher um time grande para torcer. Continuava Bentão.

Se por um lado alguém que mora em São Paulo e torce pelo São Bento é o tormento de um filho, por outro, faz a alegria dos amigos. Afinal, é sabido que uma das grandes missões da vida de um homem é a de fazer com que os filhos de seus amigos, irmãos ou primos troquem o time de coração do pai pelo seu. E essa tarefa fica muito, mas muito mais fácil quando o time a ser trocado é o São Bento.

Logo, com cinco anos, eu era um prato cheio para os amigos do meu pai. O amigo são-paulino me levou ao Morumbi para, pela primeira vez, assistir a um jogo ao vivo (São Paulo x Grêmio, pelo que me lembro). Na saída do estádio, usou as mais variadas técnicas de argumentação para me convencer de que torcer pelo São Paulo era a opção natural.

Sentindo a concorrência se movimentar, meu padrinho partiu para um contra-ataque fulminante, presenteando-me com uma camisa do Corinthians. Eu, do alto de meus cinco anos, não entendia muito bem tudo aquilo (na verdade, só vim a entender mesmo quando meus amigos são-paulinos e corintianos tiveram seus filhos). O melhor time era o São Paulo? Eu concordava. Era para vestir a camisa do Corinthians? Eu vestia. Mas nada daquilo me dizia muita coisa, não.

2.

1979 foi um ano bastante movimentado. Na verdade, movimentado demais para quem tinha só sete anos. Como se não bastasse a separação pouco amigável dos meus pais (o termo “pouco amigável” usado aqui com evidente acento eufemístico), saí da pré-escola em Perdizes, o Gato Xadrez, para começar a primeira série no Colégio Santa Cruz. O Gato Xadrez era uma escolinha de bairro. Ocupava um sobrado branco de janelas azuis e bastava eu atravessar a Cardoso de Almeida para chegar em casa. O Santa Cruz ficava no Alto de Pinheiros (o que, dada minha completa falta de senso de direção à época, significava apenas que era bem longe). E ocupava todo um grande quarteirão.

Até aí nada de mais. Quase toda mãe quer co-locar os filhos num bom colégio. Minha mãe me

co-locou no melhor que ela pôde encontrar. O que ela não imaginava, tenho quase certeza, era que o Santa Cruz não se propunha ser apenas um bom colégio. Ele “formava a futura elite do país”. E as aspas da frase anterior não indicam uma força de expressão. É uma transcrição mesmo, uma assinatura institucional que não consta da placa da escola mas é repetida por alunos, ex-alunos e — provavelmente — corpo docente. Dá para imaginar o mood do lugar. Como o termo “elite” é — à sua maneira — abrangente, lá se mistura-vam as mais diversas modalidades, da financeira à cultural. (Não deixa de ser irônico que, mais de quinze anos depois de formado, o nome de maior projeção da minha turma seja Luciano Huck. “Formar a elite do país” significava isso então? Música duvidosa, neochacretes seminuas e gincanas infames sábado à tarde na Globo? Ah, agora entendi...)

Lógico que no meu primeiro dia de aula eu não sabia nada disso. Eu tinha sete anos, Santa Cruz era só um nome e mesmo a separação “pouco amigável” dos meus pais não parecia tão terrível. Como minha mãe trabalhava o dia todo, um ônibus escolar me levaria ao colégio. Muito bem. Desci até o térreo e me encostei na mureta do prédio. Em algum momento o ônibus chegou. Entrei. Era um ônibus mesmo — na época não havia vans — e o motorista, Jorge, era bem divertido. Sempre de bom humor, contando piadas para as crianças. Eu era um

dos primeiros a ser coletado e o trajeto de minha casa até o Santa Cruz, que incluía aproximadamente mais quinze escalas, passando por Pinheiros, Vila Madalena e Alto da Lapa, durava quase uma hora. Quando me sentei no banco, descobri que os outros quatro ou cinco alunos que já estavam lá dentro, veteranos da terceira e quarta série, gastavam diariamente essa quase uma hora discutindo, empolgadíssimos, um único assunto.

Futebol.

Para moleques de nove/dez anos, discutir futebol não significa esmiuçar o esquema tático da Holanda de 74. Também não significa propor nomes para o ataque da seleção. Muito menos lamentar o perfil corrupto da cartolagem no futebol brasileiro. Para moleques de nove/dez anos, discutir futebol significa essencialmente ficar enchendo o saco dos que torcem por qualquer outro time. Pois bem, lá estavam os tais quatro ou cinco discutindo futebol. A divisão era clara: palmeirenses contra são-paulinos. Minha invisibilidade (superpoder que aprimorei com o passar dos anos mas que àquela altura era ainda incipiente) durou pouco. Provavelmente só até o Jorge cruzar a Doutor Arnaldo. Uma vez descoberta, a novidade aqui foi cercada. Não, nada de me perguntarem “Como você se chama?”. Nem mesmo “Por que você tem essa cara de bobo?”. Emendaram de primeira: “Pra que time você torce?” E você sabe: para quem está na

primeira série os caras da quarta série são grandes. Muito grandes. Não dá para vacilar. Tinha duas opções para evitar ser jogado através da janela do ônibus pela futura elite do país. E não havia nenhum amigo do meu pai por perto para me dar uma força. A resposta “São Bento”, então, teria certamente tornado os anos seguintes bem mais penosos do que foram. Mas, acredite, não titubeei. Respondi firme e decidido ante aqueles gigantes ameaçadores.

Palmeiras.

“Ai meu Deus!” você está gritando agora. “Eu não acredito que comecei a ler este maldito livro sobre o Palmeiras para descobrir que seu autor é palmeirense só porque teve que chutar uma resposta, como se estivesse fazendo uma prova de química com respostas de múltipla escolha.” Tá, concordo que foi uma decisão tomada sob pressão. Mas não foi um simples chute. Na falta do pai, use-se o avô. Sendo mais específico, o vô Gordo.

É evidente que o nome de batismo de meu avô materno não era Gordo. Era Sylvio. Mas ele era bem gordo e para um neto pequeno parece muito mais divertido ter um vô Gordo do que um vô Sylvio. Marmoreiro e fanfarrão, fazia um patê de sardinha que eu adorava comer com pão de água da Padaria do Gonçalo. Era descendente de italianos e, como tal, palmeirense. Não foi por acaso ou por leviandade que minha resposta saiu fácil. Afinal, éramos agora uma família de palmeirenses. Eu e o

vô Gordo.

Originalmente o parágrafo acima falava de todos os meus avós, e não apenas do vô Gordo. Mas, como esta é uma história recheada de azares, quem há de estranhar que assim também tenha sido seu processo de composição? Com boa parte deste livro já escrita, estava passeando domingo à tarde em uma livraria do bairro. Como projetar capas de livros é uma de minhas atividades profissionais, é natural que adore passar em revista quase todos os exemplares expostos. Capa por capa. Quando encontro alguma que acho bem-feita, vou até a página de créditos para descobrir quem foi o designer que a criou. Uma vez identificado, xingo-o silenciosamente por alguns segundos e devolvo a peça à sua pilha. Naquele domingo, entre um xingamento silencioso e outro, reparei no livro de Luis Fernando Verissimo sobre a história do Inter de Porto Alegre. Não que a capa fosse especialmente bem-feita. Mas, ao ler o título, percebi que ele também trocara uma simples listagem de jogadores e títulos por uma narrativa memorialística. Simpatizei instantaneamente e comecei a lê-lo ali mesmo, no meio da livraria. Em poucas páginas, minha simpatia azedou: ao contar o porquê de ter escolhido torcer pelo Inter, contava também a história de suas duas avós. Num primeiro momento, minha serenidade até que se esforçou para que eu mantivesse a calma. Apenas uma

coincidência infeliz, dizia. Afinal, memórias de crianças de cinco a dez anos costumam incluir seus avós. Eu sei, eu sei. Mas quem iria acreditar? De-solados, eu e minha serenidade saímos da livraria. Por portas diferentes. Nem bem pus o pé na avenida Higienópolis e, enfurecido, vi que me restavam apenas duas coisas a fazer:

A primeira foi a de rapidamente voltar para a casa e reformular todo o parágrafo que havia escrito. A versão original se encontra aqui.

Como você pôde ler, para evitar que algum infeliz me acusasse de copiar o gaúcho, tive que rele-gar a vó Amparo e o vô Miguel a uma nota de rodapé.

A segunda, mais duradoura, foi o nascimento de um ódio profundo por Luis Fernando Verissimo. E olhe que eu até o estimava. Mas não depois daquele domingo. Como perdoar alguém que obriga você a retirar de suas memórias de infância dois de

1 “É evidente que o nome de batismo de meu avô materno não era Gordo. Era Sylvio. Mas ele era bem gordo e para um neto pequeno parece muito mais divertido ter um vô Gordo do que um vô Sylvio. Apesar de magérrimo, meu outro avô, Miguel, não virou o vô Magro. Continuou vô Miguel. O vô Gordo era (morreu em 1984) casado com a vó Amparo (Que curiosamente também não se chama Amparo, mas Soledad. Numa atitude completamente inexplicável seus pais deram, contudo, o mesmo nome de Soledad para sua irmã. Posteriormente se fez necessário criar algum tipo de diferenciação entre as duas e minha avó ganhou o nome fantasia de Amparo, enquanto a tia Sole continuou Soledad.) Marmoreiro e fanfarrão, fazia um patê de sardinha que eu adorava comer com pão de água da Padaria do Gonçalves. Era descendente de italianos e, como tal, palmeirense. Não foi por acaso ou por leviandade que minha resposta saiu fácil. Afinal, éramos agora uma família de palmeirenses. Eu e o vô Gordo.”

seus avós? Então, senhor Verissimo, se por algum improvável acaso este livro cair em suas mãos e você estiver lendo-o neste momento, saiba que sou uma pessoa rancorosa. Sempre fui. Sou bem mais alto que você. Mais jovem e vigoroso. Há seis meses entrei na musculação. E, se isso ainda não for o suficiente para amedrontá-lo, lembre-se também de que, por ser um autor obscuro, conto com o elemento-surpresa na hora do ataque. Mais cedo ou mais tarde vou lhe dar o troco que merece.